

## COMENTÁRIO BÍBLICO

### 2º Domingo da Quaresma – Ano B

28fev2021

Gênesis 17,1-10.15-19; Salmo 127; Filipenses 3,14-4,1

S. Marcos 9, 2-10

*<sup>2</sup>Seis dias depois, Jesus subiu a uma montanha e levou com ele apenas Pedro, Tiago e João. Lá em cima, o seu aspeto transformou-se diante deles. <sup>3</sup>A roupa que tinha ficou brilhante, extremamente branca como ninguém no mundo seria capaz de a branquear assim. <sup>4</sup>Nisto, os discípulos viram Elias e Moisés a conversar com Jesus. <sup>5</sup>Então Pedro disse: «Mestre, é tão bom estarmos aqui! Vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias.» <sup>6</sup>Pedro nem sabia o que dizia. É que os discípulos estavam cheios de medo. <sup>7</sup>Depois apareceu por cima deles uma nuvem que os envolveu na sua sombra. E dessa nuvem uma voz dizia: «Este é o meu Filho querido. Oíçam o que ele diz!» <sup>8</sup>De repente, os discípulos olharam em volta mas só viram Jesus com eles.*

*<sup>9</sup>Quando desciam da montanha, Jesus avisou-os para não contarem a ninguém o que viram, antes de o Filho do Homem ressuscitar. <sup>10</sup>Eles obedeceram, mas perguntavam entre si o que queria Jesus dizer com aquelas palavras acerca da ressurreição.*

1. Os discípulos que O acompanharam na subida ao monte ficaram confusos com a palavra de Jesus sobre a Sua ressurreição. Não perceberam nada do que lhes disse. Aquilo era um conceito desconhecido para a cultura hebraica e, portanto, algo com que as suas mentes não estavam familiarizadas. Não só não podiam assimilar a ideia como, pode dizer-se, sempre lhe resistiram. Até naquele momento decisivo para a fé cristã – o túmulo vazio – *«ainda não tinham compreendido que, conforme a Escritura, Jesus devia ressuscitar dos mortos»* (S. João 20, 9). Ora, levanta-se aqui a questão da ‘compreensão’ da fé.

Tal questão não é de hoje, embora nos nossos dias as dúvidas sejam mais acutilantes do que outrora. Somos uma sociedade que procura embeber-se no caldo do conhecimento científico, de tal forma que aposta na vontade de tudo querer saber para, depois, aceitar... ou partir para novo desafio cognitivo. Isto faz de nós pessoas de insatisfação permanente em busca incessante pela verdade que se possa comprovar. No relato da Ascensão do Senhor os discípulos perguntaram-lhe quando iria restaurar a realeza em Israel, tendo por resposta: *«Não vos compete conhecer os tempos e os momentos que o Pai fixou com a sua própria autoridade. Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra»* (Atos 1, 6-8). Ou seja, aos Apóstolos é dito que reconheçam que algo existe acima deles e que aceitem a sua incapacidade para compreenderem os desígnios do Transcendente. Basta-lhes que se aprestem a ser testemunhas da Ressurreição de Cristo. Na verdade, na fé o ‘saber’ não é conhecimento, mas algo que pertence à nossa experiência de vida, o que alcançamos com os nossos sentimentos e também com o nosso pensamento, baseados no testemunho dos que nos precederam, e na esperança duma eternidade que nos é proposta. Então, temos de ‘experienciar’ a nossa relação com a transcendência, tanto na necessidade do que pedimos, como na humildade da nossa fragilidade, e, ainda, na paciência do que aceitamos como desafio à nossa capacidade de amar. Aí reconhecemos a presença de Deus na nossa vida. Porque descobrimos que a Ressurreição de Cristo é um novo entendimento do que é a vida na perspectiva divina.

2. O que é que nos atordoa? A nuvem, o tempo cinzento carregado, as alterações climáticas súbitas e de consequências graves, a morte de familiares ou de amigos. Alguns é como se algo em nós morresse também. Em suma, somos atordoados pelos acontecimentos que não controlamos. E dessa obscuridade existencial temos o maior e mais presente exemplo na pandemia que nos domina, no vírus que nos ameaça, no confinamento que nos limita. Habitados às delícias de uma existência programada para uma vida de facilidades, numa realidade expectável, fomos atordoados por uma circunstância que nos transtornou – e ainda nos transtorna – e mudou as rotinas do nosso viver em todos os seus aspetos. Foi como se tivéssemos sido atropelados por um camião das obras. Que nuvem esta que nos tem envolvido na sua sombra e atordoadado!

Ora, na narrativa da Transfiguração, os discípulos que acompanham Jesus na subida ao Monte, viram-se envolvidos pela sombra de uma nuvem donde ouviram uma voz: «*Este é o meu Filho querido. Oíçam o que ele diz!*». Ou seja, vós, os que estais determinados a viver à luz da vontade de Deus (*seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu* - do Pai-nosso) não estais perdidos na complexidade do tempo nem no desequilíbrio das circunstâncias da vossa existência. Tendes um timoneiro: Jesus Cristo, ouvi-o. E que nos diz Ele? Chama-nos a uma experiência de vida centrada na confiança em Deus. E isso nos confere a capacidade para enfrentarmos as dificuldades e o negrume da vida que apertam connosco em ansiedade, confusão e desespero. Então, o Evangelho de hoje reclama-nos para ‘ouvir’ o que Jesus nos ‘diz’. Não nos dá a resolução dos problemas, como por vezes nos anunciam, mas concede-nos a força e o equilíbrio mental para a tomada de decisões que permitem descobrir tais soluções. Ao jeito do Salmo 127:

*Se não for o SENHOR a edificar a casa, em vão trabalham os construtores;*

*se não for o SENHOR a guardar a cidade, em vão vigiam as sentinelas.*

*De nada vos servirá trabalhar de sol a sol e tentar sobreviver com muita fadiga,*

*se não confiardes que é Deus quem dá prosperidade aos seus fiéis.*

3. Em março de 2020 soltou-se uma frase que se generalizou: “vai tudo ficar bem”. E acreditámos até ao fim do ano, tanto mais que, por essa altura se anunciou e começou a vacinação, “uma luz ao fundo do túnel”. Mas, depois, subiram em flecha os números diários de infetados e de mortos, e começámos a desacreditar. Até surgiram os habituais profetas da desgraça na caça aos ‘responsáveis’. E o mais terrível é não se conseguir certezas e prognósticos que descansem as gentes. Os próprios cientistas baralham-se nas previsões perante as “variantes” do vírus que surgem, nas alterações incontroladas e súbitas do seu comportamento. Dizem-nos, agora, que temos de continuar confinados até à Páscoa, porque importa descer o mais possível os números da pandemia e subir ao máximo a vacinação e os testes à população. Parece razoável e de bom senso. É que se queremos que a pandemia seja controlada temos de contribuir com mais ou menos sacrifício para que tal venha a ser conseguido. Não está a ser fácil e o cansaço é visível. Mas temos de apelar à paciência e ao ‘jejum’ quaresmal, procurando transformar a pequena luz da vela que somos numa lâmpada que ilumine o que nos rodeia, e o pequeno bocado de pão que temos em alimento que dê vida aos que dele necessitam. Porque só assim Deus nos “dá prosperidade”, isto é, aquilo que segundo a Sua vontade nos torna ‘prósperos’ para Ele.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana